



Cristina Perdomo\*

## “Um bom encontro”, diria Spinoza

Há encontros que propiciam horizontes amplos, descobertas instigantes e perspectivas novas no caminho de cada um de nós. Assim foi meu encontro com Silvia Bleichmar.

Início dos anos 90. Viajo a Buenos Aires para fazer um convite a Silvia Bleichmar em nome do Departamento de Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Queríamos que ela viesse a São Paulo para uma jornada de trabalho. Combinamos um encontro na sua casa, no fim da manhã, para conversar sobre essa proposta. Fui preparada para uma visita rápida e com contornos bem delimitados.

\* Psicanalista. Integrante da diretoria do Instituto Sedes Sapientiae, São Paulo.

Mas as coisas nem sempre são como as imaginamos. Não foi um encontro formal e muito menos pontual e rápido.

Estivemos vendo os detalhes de sua vinda a São Paulo e nossa conversa se estendeu. Silvia convidou-me para almoçar.

Conversamos sobre psicanálise, certamente, mas também sobre a vida, nossas histórias, nossos exílios, nossas convicções políticas, nossa ideologia. Foram tantos os pontos de concordância!

Recebi nesse encontro um exemplar de seu livro *La fundación de lo inconciente* (Bleichmar, 1993), com a seguinte dedicatória: “Para Cristina, com afeto e com a esperança de futuros encontros”.

E foi o primeiro de muitos e produtivos encontros. E foi o anúncio de uma amizade duradoura.

A conferência de São Paulo tinha por título “A heterogeneidade do inconciente”. Posso lembrar a surpresa e o impacto que ela provocou em vários de nós. Entra em crise nosso conceito de repressão primária, como momento mítico e fundante da tópica psíquica. Com a clareza que lhe era habitual, nos transmite, a uma velocidade de articulação de pensamento realmente invejável, seu “conceito de repressão primária” colocado dentro de uma metapsicologia viva e operante. Longe de ser um tempo original, mítico, ele podia ser rastreado nos momentos de constituição e transportado para a clínica, passível de ser trabalhado na situação analítica e, portanto, passível de ser objeto de intervenção e interpretação.

Silvia Bleichmar era brilhante e audaz nas suas teorizações, mas o brilho era ainda maior em seu trabalho clínico. O encontro analítico estava sempre tingido de entusiasmo, respeito e um interesse especial.

Se algo prendia a atenção de seus ouvintes, era o permanente recurso a exemplos de sua clínica, e com isso a possibilidade de ver os conceitos trabalhando e operando na sessão analítica. Uma clínica ativa, uma clínica que nos interpela desde o sofrimento, uma clínica que mobiliza o paciente e o analista.

A mesma força que Silvia teve para lutar na vida, essa mesma força era colocada em seu trabalho. E, quando digo *lutar*, o digo no sentido amplo: a luta política, a luta pessoal, a luta psicanalítica. Podemos chamar isso de paixão? Talvez... então nos arriscaríamos a dizer que tinha paixão pelo conhecimento e pela transmissão, tinha paixão pela vida. Era generosa ao compartilhar seu pensamento.

E assim foi que me empenhei em formar um grupo de trabalho em São Paulo para estudar e “fazer trabalhar” o pensamento de Silvia Bleichmar. Não é fácil, a certa altura da vida, fazer novos amigos; ficamos cada vez mais exigentes em nossas escolhas. O trabalho intelectual reforçou e consolidou o espaço da relação pessoal.

Viajamos juntas a Londres, para o colóquio *Jean Laplanche*, e a Porto Alegre, quando Laplanche esteve no Brasil.

Além do trabalho psicanalítico, nessas viagens compartilhávamos o lado turístico, *gourmet*. Uma história divertida de comida indiana em Londres: as lágrimas saíam de nossos olhos pela pimenta e pelas risadas. Silvia era uma mulher bem-humorada e muito divertida. Pena que muitos de nossos projetos de viagens ficaram irrealizados!

Não coincidíamos em nossas paixões futebolísticas. Ela era uma torcedora convicta do Boca Juniors. Até nas aulas dos *Seminários* havia referências às conquistas do Boca, assim como à expulsão de Zidane no mundial. Só que esses comentários eram sempre costurados psicanaliticamente. No caso Zidane, como um processo de descarga abrupto perante o desmantelamento subjetivo e de identidade provocado pelo insulto do adversário. Também me lembro de um artigo escrito para uma publicação mexicana sobre Pelé e Maradona. Gostava mesmo de futebol!

Tive também o privilégio de participar nos seminários que ela anualmente ministrava em Buenos Aires e onde, generosamente, me fez um lugar junto ao grupo de coordenadores.

Por meu contato e envolvimento com a obra de Silvia Bleichmar, iniciei, junto a Homero Vettorazzo e Alicia Brasileiro de Mello, a difícil e arriscada tarefa de tradução de um livro que marcou profundamente a clínica dos três tradutores. Deu como resultado a edição brasileira de *Clínica psicanalítica e neogênese* (Bleichmar, 2000). Foi uma experiência ímpar porque nos permitiu discutir, aprimorar e intercambiar diretamente com ela. Como Silvia disse no prólogo da edição brasileira:

Uma tradução não é simplesmente a transposição de uma língua para outra. Trata-se da retranscrição numa outra ordem de pertinência estruturalmente diferente. Isto demanda um enorme esforço para que os conceitos, cuja captura se pretende, possam abrir-se em toda a sua dimensão, que tanto o autor como o leitor merecem. (Bleichmar, 2005).

Emociona-me reler a dedicatória com que autografou esse livro: “Para Cristina, com quem compartilho a amizade e a História. Com meu agradecimento profundo gerado através do tempo em que coincidimos e lutamos com o melhor de nós. Com todo o meu carinho. Novembro/2005”.

E assim, em um processo de apropriação e metábole, todo esse intercâmbio produz ressonâncias que me permitem reorganizar, a partir de novos ângulos, minhas próprias interrogações, gerando novas perspectivas de escuta e pensamento psicanalíticos.

Obrigada, Silvia, por todo esse legado!

## Referências

- Bleichmar, S. (1993). *La fundación de lo inconsciente*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Bleichmar, S. (2000). *Clínica psicoanalítica y neogénesis*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Bleichmar, S. (2005). *Clínica psicanalítica e neogênese*. São Paulo: Annablume.